

# FOCO SOBREENFORMATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

## FOCO SOBREENFORMATIVO EN PORTUGUÉS DE BRASIL

## OVER-INFORMATIVE FOCUS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

**Fernanda Rosa da Silva\***

Universidade de São Paulo

**RESUMO:** O presente artigo investiga as características semânticas e pragmáticas de sentenças do português brasileiro que apresentam um tipo de foco a que denomino *foco sobreinformativo*. Sentenças com este tipo de foco identificam que o falante traz ao contexto informações além das requeridas, o que pode indicar a violação da máxima de quantidade de Grice (1975). No entanto, em uma análise mais profunda, identificou-se que o falante que faz uso do foco sobreinformativo respeita a todas as máximas conversacionais, ressaltando a de relevância. Nossa proposta é que ele faz uso deste tipo de foco como uma estratégia de discurso para destacar propriedades positivas e amenizar negativas do conjunto de indivíduos dado.

**PALAVRAS-CHAVE:** foco; estrutura informacional; implicaturas conversacionais; estratégias de resposta; perguntas.

**RESUMEN:** Este trabajo investiga los rasgos semánticos y pragmáticos de frases en portugués de Brasil que tienen un tipo de foco que yo llamo el foco *sobreinformativo*. Frases con este tipo de foco identifican que el hablante trae al contexto informaciones más allá de las requeridas, lo que puede indicar la violación de la máxima de la cantidad de Grice (1975). No obstante, en un análisis más profundo, se identificó que el hablante que hace uso del foco sobreinformativo respeta todas las máximas conversacionales, ressaltando la de la relevancia. Nuestra propuesta es que él hace uso de este tipo de foco como una estrategia de discurso para destacar propiedades positivas y amenizar negativas del conjunto de individuos dado.

**PALABRAS CLAVE:** foco; estructura informativa; implicaciones conversacionales; estrategias de respuesta; preguntas.

**ABSTRACT:** This article investigates the semantic and pragmatic characteristics of sentences written in Brazilian Portuguese presenting a type of focus we call *over-informative focus*. Sentences with this type of focus identify that the speaker brings to the context information that go beyond the required ones, which may indicate the violation of Grice's maxims (1975). However, in a more profound analysis, we have identified that the speaker using the over-informative focus respects all conversational maxims, highlighting the relevance one. Our aim is to prove the speaker adopts such focus as a discourse strategy to highlight the positive properties and to soften the negative ones from a given set of individuals.

**KEY-WORDS:** focus; informational structure; conversational implicatures; answer strategies; questions.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar as características semânticas e pragmáticas de um tipo de foco diferente dos até então discutidos na literatura. Em trabalhos que exploram elementos da estrutura informacional, dentre eles o foco, o que tem se apresentado são contextos de foco chamado informacional ou contrastivo (cf. ZUBIZARRETA, 1998). Ainda há contextos de resposta parcial (ROBERTS, 1996; BÜRING, 1999, 2003), em que o falante responde menos do que foi perguntado. Discutiremos, nesta pesquisa, um contexto de foco em que o falante traz informações além das solicitadas. Observemos os diálogos a seguir:

- (1) A: Quem foi pra festa?  
B: O JOÃO foi pra festa.

Em (1), o falante B responde exatamente ao questionado por A. A informação nova apresentada em B é destacada pelas letras maiúsculas: "O JOÃO" corresponde ao elemento de foco da sentença. Por responder ao perguntado em A, este tipo de foco na literatura é chamado de foco informacional<sup>1</sup>. Observe-se agora o

\* Doutoranda em Linguística – USP. Email: fernandarosa2006@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> Discutiremos com mais detalhes os tipos de foco e tópico apresentados na literatura nas seções posteriores.

contexto dado em (2), investigado por Buring (1999, 2003), que apresenta um diálogo no qual o falante opta por responder parcialmente ao questionado:

- (2) A: Os alunos foram pra festa?  
B: O João foi ~~pra festa~~.

No contexto acima, ao ser questionado sobre o conjunto total de alunos, o falante opta por dar informações apenas sobre um elemento do conjunto, “João”, deixando em aberto informações relacionadas aos demais. Buring denomina estes contextos de tópico parcial. Compare, então, o contexto abaixo:

- (3) A: O João foi pra festa?  
B: TODO MUNDO foi pra festa.

Em (3), o falante em B, ao ser questionado sobre um indivíduo dado pelo contexto “O João”, decide dar informações referentes ao conjunto de indivíduos a que “João” faz parte. Com isso, responde ao que foi perguntado, mas dá informações sobre os demais indivíduos. A este tipo de foco, denominamos de *foco sobreinformativo*.

Na literatura linguística, há uma diversidade de trabalhos que investigaram os elementos da Estrutura Informacional<sup>2</sup>: tópico e foco, nas diferentes perspectivas teóricas. Entretanto, não há trabalho que investigue o fenômeno aqui apresentado, nem este tipo de foco que nomeamos de foco sobreinformativo.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta semântico-pragmática para o foco sobreinformativo. Mais especificamente, esta pesquisa busca identificar em quais contextos o foco sobreinformativo é bem empregado e a partir de então, desenvolver uma proposta formal para os contextos de foco sobreinformativo. A hipótese é que este tipo de foco apresenta uma quebra de exaustividade<sup>3</sup> no contexto e seu uso desencadeia implicaturas conversacionais (GRICE, 1975). Observaremos, a partir de teorias semântico-pragmáticas, quais restrições de contexto ocorrem em contextos como o apresentado acima, em (3), além de observar quais estratégias de discurso estão em jogo. A metodologia utilizada é a de julgamento de gramaticalidade e de aceitabilidade, em que contextos são criados e julgados se são gramaticais e possíveis de serem utilizados em dada situação.

A seguir, a fim de situar nossa pesquisa, apresentamos brevemente conceitos dos elementos da estrutura informacional, foco e tópico, difundidos pela literatura.

Nas seções a seguir, serão exploradas as peculiaridades deste tipo de foco, suas propriedades semânticas, as questões pragmáticas presentes, com o intuito de identificar princípios gerais que norteiam os contextos em que o foco sobreinformativo é empregado. Para isto, o artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, serão apresentados os conceitos de foco e tópico adotados. Na seção 3, serão apresentadas as teorias semântico-pragmáticas que são tomadas como ponto de partida para esta investigação. Em seguida, na seção 4, a partir destas teorias, serão analisados os contextos em que o foco sobreinformativo ocorre. Por fim, na seção 5, serão apontadas as conclusões em relação ao presente estudo.

## 2 CONCEITOS DE TÓPICO E FOCO

A “estrutura informacional”, termo introduzido por Halliday (1967), calcula as distinções de elementos como *foco* e *tópico* em relação a entidades do discurso. Estes podem ser identificados pelo teste questão/resposta (cf. ZUBIZARRETA, 1998). O elemento que responde à questão corresponde a uma nova

<sup>2</sup> Estrutura informacional, termo introduzido por Halliday (1967), calcula as distinções de foco e pressuposição em relação a entidades do discurso.

<sup>3</sup> Exaustividade é considerada a partir da proposta de Kiss (1998), em que a afirmação de uma alternativa implica necessariamente na negação das demais alternativas.

informação e recebe a função de foco. O elemento introduzido pela questão tem função de tópico e traz uma pressuposição ou informação dada pelo contexto.

- (4) A: Quem chegou?  
B: O JOÃO<sub>F</sub> chegou.

Em (4), o sintagma representado pelas letras maiúsculas “O JOÃO” tem a função do foco na sentença B, isto porque traz ao contexto uma informação nova, requerida pela questão em A. Já a pressuposição de que “alguém chegou” é uma informação já presente na questão e é chamada de tópico. A este tipo de foco, que se limita a trazer a informação requerida, Zubizarreta (1998) denomina de foco de informação ou não-contrastivo<sup>4</sup>. Zubizarreta apresenta uma estrutura de asserção (AS)<sup>5</sup> para este tipo de foco como o exemplo abaixo:

- (5) A<sub>1</sub>: Existe x, tal que x chegou.  
A<sub>2</sub>: O x tal que x chegou é [<sub>F</sub> o João].

Na estrutura acima, A<sub>1</sub> representa a pressuposição e A<sub>2</sub> a informação nova. Além do foco de informação, a autora apresenta outro tipo de foco, em que a resposta apresenta uma correção em relação à informação disponível no contexto.

- (6) A: O João chegou?  
B: O PEDRO<sub>F</sub> chegou, (não o João).

Em (6), o falante ao ser questionado sobre “o João”, responde que “o Pedro chegou”, corrigindo a informação solicitada. Focos como estes são chamados pela autora de contrastivos. Este tipo de foco tem a estrutura de asserção como segue:

- (7) A<sub>1</sub>: Existe x, tal que x chegou.  
A<sub>2</sub>: É falso que o x (tal que x chegou) é o João & o x (tal que x chegou) é [<sub>F</sub> o Pedro]

Foco contrastivo, como no exemplo acima, contém, em sua asserção uma negação, a qual identifica que a propriedade dada, no caso “x chegou”, não pertence ao indivíduo em questão, “o João”, mas sim a outro indivíduo que é inserido no discurso, “o Pedro”<sup>6</sup>.

Além destes, Büring (1999) apresenta um contexto em que o falante, ao ser questionado sobre um conjunto de indivíduos, opta por responder a respeito de apenas um indivíduo ou um subconjunto desse.

- (8) A: Os alunos chegaram?  
B: O João chegou.

Ao ser perguntado pelo conjunto de alunos dado pelo contexto, o falante decide dar informações apenas sobre “João”, deixando em aberto as informações referentes aos outros indivíduos. Büring (1999) denomina elementos, como no exemplo dado acima (João), em (8), de tópico parcial. Isto porque o falante, ao responder B, dá uma resposta parcial à pergunta dada e não se compromete com informações sobre os demais elementos do conjunto de “alunos”.

Um outro caso que apresenta uma entonação peculiar, além de características semântico-pragmáticas distintas dos tipos de tópico e foco até então investigados pela literatura, é o foco sobreinformativo, objeto central de nossa pesquisa.

<sup>4</sup> Na verdade, Zubizarreta (1998) refere-se a este tipo de foco, como foco não-contrastivo. Foco de informação é denominado por Kiss (1998).

<sup>5</sup> AS – sigla do termo em inglês Assertion Structure.

<sup>6</sup> Há ainda o foco classificado por Kiss (1998) por identificacional que tem o traço mais exaustivo. Esse foco tem uma interpretação do tipo *x e apenas x*. Um exemplo de foco identificacional ou exaustivo pode ser visto abaixo, em um estrutura de sentença clivada:

(i) A: Quem chegou?  
B: Foi O JOÃO que chegou, (e ninguém mais).

- (9) A: O João chegou?  
B: TODO MUNDO chegou.

No contexto em (9), ao contrário do tópico parcial de Buring, um elemento é dado e a resposta obtida corresponde ao conjunto do qual este elemento faz parte, “todo mundo”. Enquanto em (8), o falante opta por dar informação apenas de um elemento do conjunto, “João”, em (9), o falante, ao ser questionado a respeito de um indivíduo, responde não só sobre ele, mas sobre todos os indivíduos que fazem parte do conjunto em questão. O constituinte que traz a informação nova em (9), o sintagma quantificado “todo mundo”, apesar de certa maneira contrastar o conjunto todo com o elemento dado “o João”, não nega tal elemento. Pelo contrário, responde que “todo mundo foi pra festa”; isso acarreta que “João”, fazendo parte do conjunto em discussão, também tenha ido.

Casos como esse, portanto, não podem ser considerados como um foco contrastivo que apresenta as características propostas por Zubizarreta (1998), em que necessariamente o elemento dado no contexto deve ser negado. Nesse caso, pelo contrário, ao responder que “todo mundo chegou”, o falante responde afirmativamente sobre o João, mas deixa claro que a propriedade de chegar não é exclusiva dele, mas pertence a todos os elementos do conjunto.

Contextos como o dado acima, em (9), não são contemplados por nenhum dos conceitos até aqui apresentados. Por isso, no presente artigo será considerado que o conceito de foco destes dados é diferente do foco contrastivo discutido pela autora citada. O elemento focalizado não necessariamente deve negar o elemento dado no contexto e sim negar a exaustividade deste em relação à propriedade em discussão. Mais do que isso, tal constituinte traz informações além das requeridas. A este tipo de foco que dá informações além do solicitado, denominamos *foco sobreinformativo*.

### 3 IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS E FOCO SOBRINFORMATIVO

Implicatura conversacional é um termo introduzido por Grice (1975). São informações implícitas, que não são pronunciadas pelo falante, mas que podem ser recuperadas a partir do contexto.

Em seu artigo, Grice apresenta o *Princípio de Cooperação*, o qual ele defende estar presente em praticamente todas as conversações que tenham como propósito trocar informações. O princípio de cooperação consiste na ideia de que o falante direta ou indiretamente tem pretensões de cooperar com o bom andamento da conversa da qual é participante. Este princípio está baseado no que Grice chama de quatro *máximas conversacionais*. A primeira, a *máxima de qualidade*, consiste no pressuposto de que o falante cooperativo diz apenas o que acredita ser verdade, não declara informações que acredita serem falsas, nem para as quais não tem evidências suficientes que comprovem sua autenticidade. A *máxima de quantidade* prediz que o falante geralmente traz à conversação exatamente as informações exigidas. Esta máxima é dividida em duas submáximas. A primeira afirma que o falante não deve omitir informações de que tenha conhecimento e a segunda que o falante não deve dar informações além do necessário. Outra máxima, a *de relevância*, declara que só é dito aquilo que para o falante é definitivamente importante para o tópico da conversação. A última, *de modo*, prediz que o falante deve ser claro em sua exposição, deve evitar a obscuridade e a ambiguidade, ser breve e ordenado.

As máximas conversacionais, segundo Grice (1975), são respeitadas em qualquer conversação em que os falantes pretendem compartilhar informações. No entanto, há contextos em que estas parecem ser, num nível superficial, desrespeitadas.

- (10) A: Você acha a Maria bonita?  
B: Bom, ela se veste bem.

Na conversa em (10), à primeira vista, o falante em B não foi cooperativo com A, não respondendo exatamente ao questionado. Parece que ele desrespeitou o princípio de cooperação, em especial a máxima de relevância, que prediz que o falante deve dar apenas informações que sejam relevantes para o tópico da conversação. Contudo, há informações implícitas nesta declaração que o falante A, envolvido em determinando contexto, é capaz de interpretá-las. Imaginemos que João seja o falante A e gosta da Maria.

Pedro, o falante B, a acha feia. Quando João pergunta a Pedro sobre a beleza de Maria, o último, para ser mais educado e não magoar o amigo, responde B. Esta resposta implica que o Pedro não acha a Maria bonita, no entanto, em nenhum momento Pedro disse isto explicitamente. Em um primeiro momento, pode parecer que Pedro não foi cooperativo, pois não respondeu exatamente ao perguntado e de certa maneira pode-se pensar que ele tenha violado a máxima de relevância. Entretanto, o falante não deixou de ser cooperativo, e, em certa instância, respondeu ao que lhe foi perguntado, mesmo que não diretamente.

Esta resposta não direta gera informações implícitas, que não são pronunciadas pelo falante, mas são recuperadas pelo contexto, ou seja, as *implicaturas conversacionais*. Implicaturas são inferências pragmáticas que podem ser canceladas a qualquer momento e exigem contextos específicos para serem interpretadas. Voltando ao nosso exemplo em (10), na implicatura gerada, há necessidade de se conhecer o contexto para identificá-la. Ainda poderia ser cancelada da seguinte maneira:

- (11) A: Você acha a Maria bonita?  
B: Bom, ela se veste bem e é bonita.

Em (11), a implicatura de que Maria é feia é cancelada com a afirmação de B de que ela é bonita. Além disso, podemos perceber, que num nível mais profundo de interpretação todas as máximas conversacionais, sobretudo a de relevância, foram respeitadas.

Os casos específicos de estudo deste artigo, como o exemplo abaixo, em (12), mesmo que superficialmente pareçam infringir algumas máximas conversacionais, na verdade, num nível mais profundo de interpretação, respeitam a todas elas.

- (12) A: O João foi pra festa?  
B: TODO MUNDO foi pra festa.

No contexto acima, parece que o falante B violou a segunda submáxima de quantidade que prediz que um falante cooperativo não dá informações além do necessário. No entanto, ao dar tal resposta, o falante responde ao que foi requerido, pois quando diz que “Todo mundo foi pra festa”, se João é integrante deste conjunto, de certa maneira responde ao questionado. Tal atitude demonstra que ele está cumprindo outra máxima, a da relevância, pois ao dar a resposta sobreinformativa, B acredita que seja mais relevante dar informações sobre todos os elementos do conjunto a que “João” faz parte. Contextos como (12), em que o falante se utiliza de uma resposta sobreinformativa, serão mais explorados mais adiante, nas próximas seções.

## 4 ESTRUTURA DO DISCURSO E FOCO SOBREINFORMATIVO

### 4.1 A estrutura do discurso: Roberts (1996)

Buscando aprofundar os estudos sobre a *Estrutura da Informação*, Roberts (1996) explora tal tema não apenas pelo enunciado dado pelo discurso, mas sim pelo que está por trás deste: o que motivou e o que levou o falante a proferir determinada sentença. A autora assume com Carlson (1983) que todo discurso é organizado em relação a perguntas e respostas, sejam elas implícitas ou explícitas.

Em um discurso cujos participantes possuem como objetivo comum compartilhar informações sobre o mundo, estes buscarão contribuir para o bom andamento da conversação. Segundo Stalnaker (1978), este objetivo está voltado para responder à “grande questão” (*big question*): “Como as coisas são?” (*What is the way things are?*). No entanto, em uma conversa não é possível responder completamente a tal questão. Então, os falantes se utilizam da estratégia de responder a sub-questões relacionadas a esta.

Os participantes da conversa, primeiramente aceitam a questão mais imediata que está em discussão, que Roberts chama de *questão sob discussão* (*QUD*), e tendem a buscar uma resposta para ela. Respondendo à

questão sob discussão, o falante responde parcialmente à grande questão.<sup>7</sup>

Para formalização de questões, interessa-nos os conceitos *Q-alternative set*, de Hamblin (1973), e de *respostas parciais e completas*, de Groenendijk e Stokhof (1984). Ambos são assumidos por Roberts (1996) como base teórica para a semântica de perguntas. Para Hamblin, uma questão denota um conjunto de proposições. Observe a seguinte questão.

(13) Quem chegou?

A pergunta acima tem sua denotação semântica formada por um conjunto de proposições possíveis para respondê-la. Suponhamos que o domínio do contexto acima seja formado por três conjuntos de indivíduos: os alunos, os professores, os funcionários. O conjunto de alternativas da questão em (13) será o conjunto de proposições: {os alunos chegaram, os professores chegaram, os funcionários chegaram}. A denotação formal de (13), então, é a seguinte:

(14)  $\llbracket \text{Quem chegou?} \rrbracket = \{\text{os alunos chegaram, os professores chegaram, os funcionários chegaram}\}$

Os participantes do discurso, ao ouvirem a questão e aceitá-la, buscam, dentro das alternativas acima, uma resposta adequada para ela. Groenendijk e Stokhof (1984) definem dois tipos de respostas possíveis: completa ou parcial. Uma *resposta parcial* para determinada questão é uma proposição que contextualmente envolve avaliação de verdadeiro ou falso para pelo menos um elemento do conjunto de alternativas dessa questão. Uma *resposta completa*, por sua vez, é uma proposição que contextualmente envolve uma avaliação para cada elemento do conjunto de alternativas. Vejamos o exemplo abaixo:

(15) Os alunos chegaram?

Imaginemos que temos no contexto os três conjuntos de alunos: os alunos do primeiro ano, os alunos do segundo ano, os alunos do terceiro ano. Estes fazem parte do conjunto de alunos dado pela questão (15). Neste contexto, a denotação semântica para (15) é dada a seguir:

(16)  $\llbracket \text{Os alunos chegaram?} \rrbracket = \{\text{Os alunos do primeiro ano chegaram; Os alunos do segundo ano chegaram; Os alunos do terceiro ano chegaram}\}$

Se o falante responde com uma das proposições do conjunto de alternativas dado acima, como, por exemplo, em (17), abaixo, ele dá uma resposta parcial à questão (15). Se a resposta for (18), temos uma resposta completa para tal questão.

(17) Os alunos do primeiro ano chegaram.

(18) Sim, ~~os alunos chegaram~~.<sup>8</sup>

A resposta (17), segundo a teoria de Groenendijk e Stokhof, é uma resposta parcial para (15), porque avalia como verdadeira ou falsa ao menos uma das proposições de (16). No caso, a proposição “Os alunos do primeiro ano chegaram” é avaliada como verdadeira, ficando as demais sem avaliação. A sentença em (18), por sua vez, representa uma resposta completa para (15) porque avalia todas as proposições de (16) como verdadeiras. Com essas noções de resposta completa e parcial, os autores definem o conceito de acarretamento de questões:

(19) Uma questão  $q_1$  acarreta  $q_2$  sse a resposta de  $q_1$  produz uma resposta completa para  $q_2$  (cf. GROENENDIJK; STOKHOF, 1984, p.16).

<sup>7</sup> A questão sob discussão faz uma partição no *context set* em mundos em que cada asserção das alternativas de resposta é verdadeira. Se a asserção é aceita, o *context set* diminui.

<sup>8</sup> A resposta em (15) está representada como a afirmação “sim”, pois em PB, raramente ao responder completamente uma questão, o falante pronuncia a sentença completa. A não ser casos que apresentem entonação peculiar, estes não serão tratados no presente trabalho.

As questões a seguir apresentam uma relação de acarretamento, segundo Groenendijk e Stokhof (1984):

(20) Os alunos chegaram?

(21) Os alunos do primeiro ano chegaram?

Nos exemplos acima, a questão (20) acarreta (21), pois se (20) for respondida completamente, (21) será respondida, já que no conjunto de alternativas de (20) está contido conjunto de alternativas de (21). Se apenas a questão (20) obtiver uma resposta, como por exemplo: “Sim, os alunos do primeiro ano chegaram”, teremos uma resposta parcial para (21).

Roberts (1996) afirma que a semântica para as questões é estática e, segundo a autora, é necessária uma visão mais dinâmica das questões e da estrutura da informação para compreender a estrutura do discurso. Desta maneira, a autora apresenta uma teoria formal para a estrutura de informação.

A *estrutura da informação* é, dentro desta proposta, um conjunto de movimentos no discurso subdividido em: (i) um conjunto de questões, implícitas ou explícitas, sendo que cada questão representa um conjunto de proposições; (ii) um conjunto de asserções ou respostas, em que cada asserção representa um conjunto de mundos possíveis; (iii) um conjunto de movimentos aceitos, sendo questões ou respostas. Estes conjuntos apresentam várias funções e relações entre si, sendo que os movimentos ocorrem no discurso de forma linear. Um movimento é identificado por responder a uma questão sob discussão. Cada movimento aceito no discurso passa a fazer parte do *common ground*.

Com base no conceito de *Questão Sob Discussão (QUD)*, Roberts (1996) define que relevância está diretamente relacionada à QUD. Será relevante para o discurso uma resposta, seja ela parcial ou completa, para a questão sob discussão (QUD) ou uma questão relacionada a ela.

A teoria da estrutura informação apresentada por Roberts (1996), juntamente com a relação sub-questão/super-questão e as estratégias de resposta utilizadas pelos falantes, subsidiarão nossa análise de foco sobreinformativo – sobretudo as noções de acarretamento de questões e relevância.

#### 4.2 Semântica de tópico e foco: Büring (1999, 2003)

Daniel Büring, em seu artigo sobre tópico de 1999, discute alguns conceitos em relação a elementos discursivos como tópico e foco que são importantes para nosso estudo. Em especial, ele apresenta uma proposta de interpretação de tópico que abrange tópicos contrastivos (em que o falante muda a direção da conversa) e tópicos parciais (em que o falante responde apenas parte do que foi solicitado). Esta seção é dedicada a uma breve apresentação da teoria de Büring e como ela pode contribuir para este estudo e para avanços com relação a outros fenômenos da língua.

Büring (1999) parte do princípio de que sentenças são formadas pelo par de componentes informacionais: *foco/background*. No *background* está contido o tópico, que como já vimos, é a informação dada, a pressuposição. Foco, por sua vez, é a informação nova que é solicitada pela questão e introduzida pela resposta. O autor se vale da semântica de foco dada por Rooth (1985), denominada *valor de foco*. No contexto abaixo, com um par questão/resposta, podemos identificar os componentes do discurso.

(22) A: Quem chegou?  
B: OS ALUNOS chegaram.

Em (22)B, o constituinte que traz a informação nova e representa o foco da sentença é o NP “OS ALUNOS”.<sup>9</sup> O tópico, que contém a informação dada pela questão é a pressuposição de que “Alguém chegou”. O valor de foco da sentença (22)B, segundo Rooth (1985), é o conjunto de proposições possíveis

<sup>9</sup> Os constituintes de foco serão grafados em caixa alta daqui em diante.

para a resposta de (22)A. Veja a representação do valor de foco de (22)B abaixo, considerando que os elementos disponíveis no discurso sejam: alunos, professores e funcionários.

(23)  $\llbracket(22)B\rrbracket^F = \{\text{Os alunos chegaram, os professores chegaram, os funcionários chegaram}\}$

O conjunto de proposições acima contém a proposição (22)B, portanto, uma resposta adequada, ou congruente, para o contexto dado acima. Entretanto, Büring (1999) observa que o valor de foco não é capaz de delimitar alternativas de respostas para contextos com tópicos contrastivos ou parciais, por exemplo. Um tópico contrastivo ocorre quando o falante deseja mover a conversação para uma entidade diferente à dada no discurso. Já o tópico parcial não responde exaustivamente ao que foi requerido, mas apenas a uma parte da questão.

(24) A: Que livro os alunos compraram?  
B: /O JOÃO<sub>T</sub> comprou \O DE LINGUÍSTICA<sub>F</sub>

(25) A: Que livro o João comprou?  
B: Bom, /O PEDRO<sub>T</sub> comprou \O DE LINGUÍSTICA<sub>F</sub>

Os exemplos acima representam o que Büring (1999) denomina respectivamente de tópico parcial e tópico contrastivo. No primeiro, em (24), o falante B não responde totalmente à pergunta feita por A, mas apenas à informação que corresponde a um indivíduo do conjunto de alunos, “João”. Já em (25), o falante B não responde ao que é solicitado e dá uma informação referente a um elemento novo no contexto, “Pedro”. Em ambos os casos, a resposta obtida não representa a esperada.

O autor também identificou que para a resposta ser apropriada nos contextos acima foram necessários dois acentos prosódicos distintos: o acento de foco, que tem como característica um pico de acento descendente; também um acento típico de tópico, que tem seu pico com curva ascendente. Sem estes, as construções seriam inadequadas. As respostas obtidas não fazem parte do valor de foco. Observe, abaixo, o valor de foco para (24)B e (25)B, respectivamente:

(26)  $\llbracket(24)B\rrbracket^F = \{\text{João e Pedro compraram o livro de linguística, João e Pedro compraram o livro de literatura, João comprou o livro de linguística e Pedro o de literatura, João comprou o livro de literatura e Pedro o de linguística}\}^{10}$

(27)  $\llbracket(25)B\rrbracket^F = \{\text{O João comprou o livro de linguística; O João comprou o livro de literatura}\}$

Note que em (26) não há uma proposição do tipo “O João comprou o livro de linguística”, resposta dada em (24)B. As proposições possíveis são apenas de respostas completas, sem apresentar uma proposição de resposta parcial, como ocorre no exemplo acima. O valor de foco de (25)B, apresentado em (27) também não apresenta a proposição obtida como resposta “O Pedro comprou o livro de linguística”, mas somente respostas relacionadas ao indivíduo “João”.

Para ser possível calcular o valor semântico de sentenças como as apresentadas acima, Büring (1999) definiu o *valor de tópico*, que representa um conjunto de questões, ou o conjunto do conjunto de proposições possíveis para determinado contexto. Para cada elemento disponível, há um conjunto de proposições. A soma destes conjuntos consiste no valor de tópico da sentença. Para (24)B, por exemplo, suponhamos que o conjunto de alunos seja formado pelos indivíduos: João e Pedro. Para cada indivíduo há um conjunto de proposições. Para João: {O João comprou o livro de linguística, O João comprou o livro de literatura}. Para Pedro: {O Pedro comprou o livro de linguística, O Pedro comprou o livro de literatura}. O valor de tópico de (24)B, portanto, é a junção destes conjuntos, como segue:

(28)  $\llbracket(24)B\rrbracket^T = \{\{\text{O João comprou o livro de linguística, O João comprou o livro de literatura}\}, \{\text{O Pedro comprou o livro de linguística, O Pedro comprou o livro de literatura}\}\}$

<sup>10</sup> Considera-se que, no domínio, há os seguintes indivíduos: {João, Pedro, livro de linguística, livro de literatura}

Como cada conjunto representa o valor ordinário de uma questão, a denotação do valor de tópico de (24)B pode ser representada por um conjunto de questões.

$$(29) \llbracket (24)B \rrbracket^{\text{Q}} = \{\text{Que livro o João comprou?}, \text{Que livro o Pedro comprou?}\}$$

Com a formalização do valor de tópico, o autor define a condição do par questão/resposta:

$$(30) \text{ O valor ordinário de uma questão deve pertencer a um elemento do valor de tópico da resposta } (\llbracket Q \rrbracket^{\text{Q}} \in \llbracket A \rrbracket^{\text{T}}).$$

Retomemos ao nosso exemplo em (24)B, repetido a seguir, para verificar se este satisfaz a condição do par questão/resposta:

$$(31) \text{ A: Que livro o João comprou?} \\ \text{B: /O PEDRO}_T \text{ comprou \O DE LINGUÍSTICA}_F$$

No contexto em (31), o valor ordinário da questão A representa um elemento do valor de tópico de B. Vejamos abaixo:

$$(32) \llbracket (31)A \rrbracket^{\text{Q}} = \{\text{O João comprou o livro de linguística}, \text{O João comprou o livro de literatura}\}$$

$$(33) \llbracket (31)B \rrbracket^{\text{T}} = \{\text{Que livro o João comprou?}, \text{Que livro o Pedro comprou?}\}$$

Notemos que o valor ordinário de (31)A está contido no valor de tópico de (31)B. O valor semântico da questão “Que livro o Pedro comprou?”, que faz parte do valor de tópico, é um conjunto de alternativas que contém “O Pedro comprou o livro de linguística”. A resposta é adequada e satisfaz a condição do par questão/resposta. Tal condição está relacionada à noção de congruência; no entanto, Büring (1999, 2003) afirma para uma resposta ser congruente, o valor semântico ordinário da questão deve pertencer ao valor de tópico de sua resposta e não ao valor de foco, como assumem outros autores como Roberts (1996)<sup>11</sup>.

Outro tipo de tópico, a que Büring (1999) chama de tópico puramente implicacional, é apresentado a seguir.

$$(34) \text{ A: A sua esposa foi pra festa?} \\ \text{B: A /MINHA}_T \text{ esposa \NÃO}_F \text{ foi pra festa.}$$

A sentença (34)B, a não ser pelo acento de tópico, responde exatamente ao requerido pela questão em A, pois o valor de foco de (34)B é o seguinte:

$$(35) \llbracket (34)B \rrbracket^{\text{F}} = \{\text{A minha esposa foi pra festa; A minha esposa não foi pra festa}\}$$

Como o contexto (34) apresenta um exemplo de pergunta polar, em que há duas possibilidades de resposta, sim ou não, o valor de foco é constituído por uma proposição positiva e outra negativa. Ainda, nestes casos, no PB, o acento prosódico que indica o elemento de foco recai sobre o elemento negativo, se a resposta for negativa, ou no verbo da sentença, se a resposta for positiva.

A resposta dada em (34)B pertence ao seu valor de foco dado em (35). No entanto, o acento ascendente no constituinte de tópico em B indica que o falante deseja trazer ao contexto questões alternativas. Responde ao que A pergunta, mas deixa no ar questões como: A esposa de Pedro foi pra festa?; A esposa de Marcos foi

<sup>11</sup> Para o contexto em (25), em que há um tópico parcial, o valor de foco corresponde a (considerando o domínio:  $D = \{\text{João, Pedro, livro de linguística, livro de literatura}\}$ ):

$$\llbracket (25)B \rrbracket^{\text{F}} = \{\text{João e Pedro compraram o livro de linguística}, \text{João e Pedro compraram o livro de literatura}, \text{João comprou o livro de linguística e o Pedro o de literatura}, \text{João comprou o livro de literatura e o Pedro o de linguística}\}$$

E o seu valor de tópico é o seguinte:

$$\llbracket (25)B \rrbracket^{\text{T}} = \{\text{Que livro o João comprou?}, \text{Que livro o Pedro comprou?}, \text{Que livro o João e o Pedro compraram?}\}$$

A resposta em (25)B é congruente com seu valor de tópico, já que a proposição “o João comprou o livro de linguística” é um elemento contido no valor ordinário da questão “Que livro o João e o Pedro compraram?”, já que a soma dos indivíduos Pedro e João corresponde ao conjunto de alunos neste contexto.

pra festa?; A esposa de x foi pra festa?... Estas questões podem determinar a continuidade da conversação. Mais formalmente teríamos o valor de tópico a seguir.

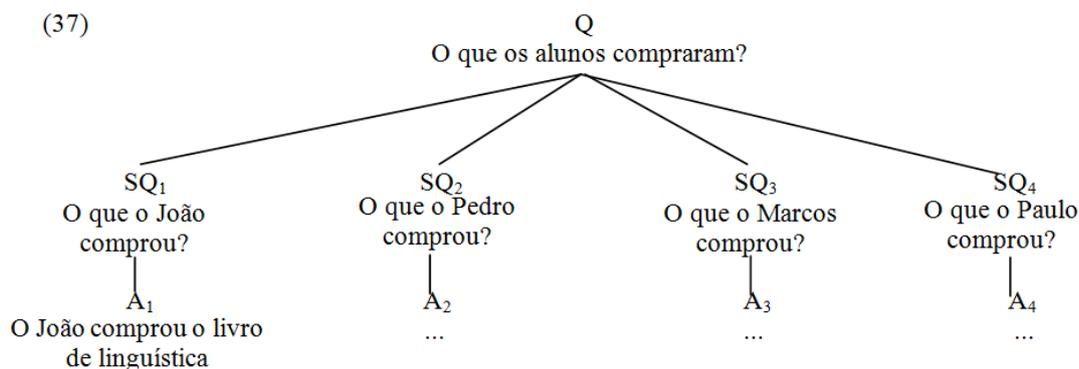
(36)  $\llbracket(34)B\rrbracket^t = \{A \text{ minha esposa foi pra festa?; A esposa do Pedro foi pra festa?; A esposa do Marcos foi pra festa?}\}$

Uma diferença essencial de sentenças como (34) para as anteriores é que, enquanto para identificar a implicatura de sentenças com tópico parcial ou contrastivo era necessário olhar para o contexto anterior, implicaturas de sentenças puramente implicacionais determinam o rumo da conversação após a pronúncia da sentença.

### 4.3 Árvores do discurso: Büring (2003)

Em Büring (2003), o autor toma como ponto de partida a teoria de Roberts (1996) em relação às estratégias do discurso para aprofundar ainda mais sua teoria sobre tópicos contrastivos e parciais. Assume, ainda, uma estrutura tripartite para marcações de acentos entonacionais em sentenças. Para ele, há casos em que determinado constituinte na sentença é marcado por um acento de foco (F); em outros, o constituinte recebe um acento de tópico contrastivo (CT); e nos demais casos, nenhuma marcação ocorre. O que ele chama de marcação de tópico contrastivo neste artigo é uma marcação prosódica que abrange todos os fenômenos trabalhados em Büring (1999): tópico parcial, contrastivo e puramente implicacional.

Partindo da teoria de Roberts (1996), que propõe uma estrutura de relações de super-questões e sub-questões para a estrutura da informação, Büring desenvolve o que ele chama *D-trees* (árvores do discurso) para organizar as relações entre questões e asserções.



Na estrutura *d-tree* apresentada acima, cada nó representa um *movimento* do discurso que pode ocorrer uma sentença declarativa (A) ou interrogativa (Q ou SQ). Um movimento pode relacionar duas questões, como o movimento de Q para SQ<sub>1</sub>, em que SQ<sub>1</sub> representa uma sub-questão de Q, ou ainda, relacionar uma questão com uma asserção (SQ<sub>3</sub> – A). Neste caso, a asserção deve responder à questão que imediatamente a domina. Diante destas relações na *d-tree*, Büring redefine *relevância* como segue:

Será relevante para o discurso uma asserção que represente uma resposta (completa ou parcial) para a questão sob discussão de determinada *d-tree*. No caso do exemplo em (37), uma asserção relevante para o discurso, seria a A<sub>1</sub>, “O João comprou o livro de linguística”, que representa uma resposta completa para SQ<sub>1</sub> e parcial para Q

Büring, entretanto, chama a atenção para os casos em que o falante não responde exatamente à questão explícita, como já havia apresentado em seu trabalho anterior, de 1999. Nestes casos, o falante dá uma resposta parcial: tópico parcial; ou dá uma resposta diferente da que foi perguntada: tópico contrastivo. Voltando à estrutura em (37), se a resposta para a super-questão for parcial, o constituinte “O João” receberá o acento CT, como apresentado abaixo:

- (38) A: O que os alunos compraram?  
B: O JOÃO<sub>CT</sub> comprou LIVROS<sub>F</sub>.

Em (38), o falante B não responde exatamente ao que foi questionado, portanto, o valor de foco de B não é equivalente ao conjunto de alternativas de Q, mas responde a uma sub-questão da pergunta em A do tipo “O que o João comprou?”.

- (39) A: O que os alunos compraram?  
(*O que o João comprou?*)  
B: O JOÃO<sub>CT</sub> comprou LIVROS<sub>F</sub>.  
B': #O João comprou LIVROS<sub>F</sub>.

A asserção em B' não é uma resposta congruente com a questão em A. Para responder a uma questão implícita, já que B não responde A e sim uma sub-questão dela (apresentada entre parênteses), o falante deve fazer uso do marcador de CT, o que indica que está utilizando uma estratégia e não respondendo diretamente à pergunta explícita.

Para o autor, a função principal de um marcador de CT (tópico contrastivo) é indicar uma estratégia do discurso. Identificar se o constituinte marcado trata-se de informação nova ou dada torna-se, então, uma função secundária. De acordo com Büring (2003), a marcação de CT não está diretamente ligada a conceitos mais abstratos de tópico e foco. Para ele marcação de CT está mais relacionada à indicação de uma estratégia do que a identificar se o constituinte marcado trata-se de uma informação dada ou nova no discurso.

As propostas de Büring (1999) e (2003) vistas resumidamente aqui abrangem todos os casos mencionados. Entretanto, contextos com respostas mais informativas do que as solicitadas, como os que vimos anteriormente, diferenciam-se prosodicamente dos casos de Büring e não recebem o mesmo acento de tópico apresentado pelo autor.

- (40) A: O João foi pra festa?  
B: \TODO MUNDO foi pra festa.

Em (40), o acento que o quantificador universal recebe não é o mesmo de CT, que tem seu pico de acento ascendente. A entonação é descendente, mais alta no início da pronúncia do quantificador (cf. PIERREHUMBERT; HIRSCHBERG, 1990). O marcador de CT, portanto não é compatível com contextos de respostas sobreinformativas como a acima. Além disso, o falante, ao responder B, não responde a uma sub-questão de A e sim a uma super-questão do tipo “Quem foi pra festa?”, o oposto das relações apresentadas por Büring. Estas diferenças prosódicas e semântico/pragmáticas nos levam a afirmar que estamos diante de um fenômeno não contemplado pela teoria de Büring (1999, 2003). A proposta, então é, na próxima seção, buscar uma alternativa que contemple contextos com respostas sobreinformativas, que trazem informações além das requeridas.

## 5 FOCO SOBREINFORMATIVO E ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE RESPOSTA

Nesta seção, serão observadas estratégias de respostas sobreinformativas em que parece ocorrer um fenômeno oposto aos exemplos de Büring (1999, 2003). Enquanto nas respostas parciais de Büring, o falante opta pela estratégia de responder a uma sub-questão implícita de uma pergunta mais geral, nas respostas sobreinformativas, o falante opta por responder uma super-questão de uma questão mais restrita colocada explicitamente no contexto.

Observaremos o fenômeno de respostas sobreinformativas primeiramente em perguntas polares, aquelas em que a resposta esperada resume-se aos elementos sim/não. Após, com perguntas de constituinte, em que o foco da resposta seja um constituinte e, por fim, em contextos de perguntas implícitas, em que não há uma

questão explícita, dada pelo discurso<sup>12</sup>.

### 5.1 Com perguntas polares

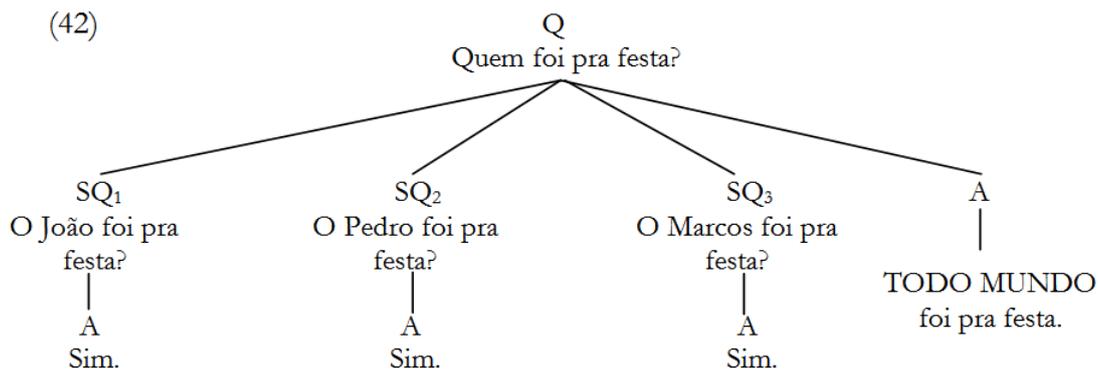
Perguntas polares são aquelas que têm como resposta esperada um dos dois elementos: sim, para resposta afirmativa, e não, para resposta negativa. Um exemplo de contexto com pergunta polar foi apresentado anteriormente e será repetido abaixo:

- (41) A: O João foi pra festa?  
 B: \TODO MUNDO foi pra festa.

A resposta para a pergunta em (41) poderia apenas ser a afirmativa “sim”. Em português brasileiro é bastante comum o falante repetir o verbo, indicando a afirmação na resposta. No caso do exemplo acima, a resposta poderia ser: “foi”, significando que João foi pra festa. No entanto, o falante opta por responder com o quantificador universal “TODO MUNDO”. Em um contexto em que os funcionários de determinada empresa foram convidados para uma festa, Carlos quer saber se o João foi e pergunta pra Paulo o que está em (41). A resposta em B acarreta a resposta solicitada, que João foi pra festa e, além disso, traz informações a mais sobre os demais convidados da festa. Ou seja, a propriedade que se aplica ao João não é exclusiva dele e sim de todas as pessoas salientes no contexto. É como se ficasse implícito algo do tipo: “o João foi, e além dele”, antes do falante responder explicitamente “TODO MUNDO foi pra festa”. Neste contexto, o Paulo acredita que seja mais relevante para o discurso dar informação de que todos os funcionários foram pra festa. Com essa declaração, ele responde automaticamente a perguntas do tipo: O Pedro foi pra festa? O Marcos foi pra festa?... Imaginemos que a festa foi um sucesso e há um interesse de Paulo de mostrar que todos participaram da festa. Ao declarar a resposta sobreinformativa, ele deseja enfatizar a importância da propriedade em questão, que é aplicada a todos os funcionários convidados para a festa.

De acordo com a teoria da estrutura da informação, de Roberts (1996), o falante, ao responder (41)A, dá uma resposta completa para a super-questão que domina a questão sob discussão. Ou seja, ao responder outra questão, ao invés da questão explicitamente colocada no discurso, o falante muda o que é relevante para o discurso. Segundo a proposta de Roberts, a relevância está atrelada à *Questão Sob Discussão (QUD)*. No contexto criado acima, a questão sob discussão posta no discurso era “O João foi pra festa?”. No entanto, o falante B se utiliza da estratégia de responder completamente a uma pergunta do tipo “Quem foi pra festa?”. Tal estratégia indica que o falante mudou a questão sob discussão. Em vez de simplesmente responder ao perguntado, resolveu responder a uma questão mais ampla. A partir desta estratégia, ele deixa claro que o que é mais relevante responder completamente a uma questão mais geral do que simplesmente responder à questão dada, já que tem informações sobre todos os convidados da festa. Como a questão mais ampla acarreta a questão dada explicitamente, o falante também a responde e, além disso, responde a suas questões irmãs, se pensarmos na estrutura hierárquica da árvore do discurso (*d-tree*) proposta por Büring (2003).

<sup>12</sup> No presente artigo, apresentaremos apenas contextos de foco sobreinformativo na posição de sujeito. Em Rosa-Silva (2012), apresentamos contextos com foco sobreinformativo em outras posições sintáticas, bem como uma discussão mais ampliada sobre o fenômeno.



Repare que o falante, ao dar a resposta sobreinformativa, responde completamente a uma questão mais ampla como indicada em Q na *d-tree* acima. A questão Q, desta forma, domina diretamente a resposta “TODO MUNDO foi pra festa”. O falante, com tal resposta, quer deixar claro que a propriedade em discussão não é exclusiva do indivíduo “João”, mas pertence a todos os indivíduos do conjunto.

Quanto ao acento prosódico, diferentemente dos exemplos constantes em Büring (1999, 2003), não há nenhum constituinte que receba o acento ascendente, característico de CT (cf. BURING, 1999, 2003; PIERREHUMBERT; HIRSCHBERG, 1990). Sendo assim, não há constituinte que receba esta função. O verbo recebe um acento descendente de foco de informação e o sintagma introduzido pelo quantificador recebe também um acento descendente. Se considerarmos que a informação trazida pelo quantificador representa uma informação nova, podemos concluir que o constituinte introduzido pelo quantificador universal tem a função informativa de foco. No entanto, vale lembrar que, segundo Büring (2003), o falante só faz uso do marcador de CT quando quer indicar uma estratégia do discurso. Quando o falante dá uma resposta como em (41), com informações além da requerida, ele também faz uso de uma estratégia, porém não é a mesma indicada pelo marcador de CT, mas oposta. O acento que o constituinte sobreinformativo recebe, portanto, não deve ser canônico de foco, mas um específico que indique tal estratégia.

No presente estudo, propomos que este último é um marcador de *foco sobreinformativo* (FS). Com isso, defendemos, diferentemente de Büring (2003), que além das marcações F e CT, um constituinte pode também receber um acento do tipo FS, de foco sobreinformativo. Daqui em diante, portanto, faremos referência à marca prosódica do constituinte sobreinformativo como FS. Ressaltamos que tal marcação de foco diz respeito ao acento prosódico que recai sobre o foco sobreinformativo e tem duas funções. A primeira, que é a função principal de FS, consiste em indicar uma estratégia no discurso e a segunda, identificar o constituinte marcado como uma informação nova no discurso. Portanto, tal conceito é diferente dos conceitos de foco apresentados anteriormente por Zubizarreta (1998).

Como vimos, os conceitos de foco contrastivo de Zubizarreta (1998) distancia-se do tipo de foco que identificamos nesta pesquisa. Enquanto na proposta da autora o constituinte focalizado elimina ou nega o constituinte dado, no caso das respostas sobreinformativas, o elemento focalizado representa um conjunto que inclui o elemento dado. Na verdade, há um contraste no foco sobreinformativo, porém, este se dá a partir da não-exaustividade do elemento dado em relação à propriedade em questão. Voltando ao nosso exemplo, o falante, ao dar a resposta sobreinformativa quer mostrar que a propriedade de ir à festa não exclusiva de “João”, com isso contrasta a não-exaustividade de tal propriedade em relação a “João”.

O que denominamos foco sobreinformativo aqui, portanto, diz respeito a um elemento que tem a função de contrastar a não-exaustividade de uma propriedade em relação ao elemento dado pelo contexto e incluir todos os elementos de determinado conjunto saliente. Ainda, FS não representa o constituinte de foco em si, mas a marcação prosódica que recai sobre este constituinte para primeiramente indicar uma estratégia de discurso utilizada pelo falante e, além disso, identificar uma informação nova. Tal informação é confrontada com informações já presentes no contexto, sem que estas tenham de ser negadas.

Com relação às respostas sobreinformativas, o falante, ao fazer uso da marcação de FS, indica que está respondendo a uma super-questão da explicitada no contexto, a fim de mostrar que a propriedade em

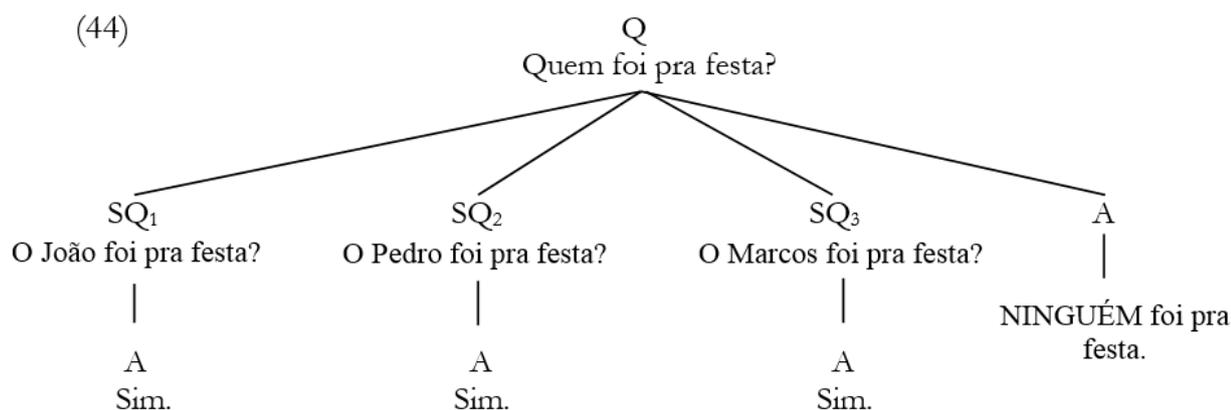
discussão não é exclusiva do elemento dado, mas de todos os elementos do conjunto do qual faz parte.

Voltando às máximas conversacionais de Grice (1975), em um primeiro momento pode parecer que o falante em (41)B, quando declara que: “TODO MUNDO foi pra festa” não respeite a máxima da quantidade, sobretudo a sub-máxima que declara que o falante cooperativo não traz informações além das solicitadas. No entanto, em uma observação mais cuidadosa no contexto, pode-se perceber que o falante utilizou-se de uma estratégia, ao modificar a questão sob discussão para indicar o que para ele era mais relevante no contexto. Considerou-se, a partir da máxima da relevância, que responder a uma super-questão, que domina a questão explicitada no discurso, era mais relevante do que responder apenas ao questionado. Tal resposta gera uma implicatura de que é mais relevante para o falante dar informações sobre todos os indivíduos do conjunto do que apenas do indivíduo requerido, o “João”.

Até aqui, observamos estratégias de respostas sobreinformativas apenas com a presença do quantificador universal distributivo “todo”, que tem a função de distribuir certa propriedade para todos os elementos do conjunto em questão. Nestes contextos percebemos que o falante faz uso de tal estratégia para enfatizar uma propriedade positiva e mostrar que tal propriedade não é exclusiva do elemento em discussão, mas de todos os elementos pertencentes ao seu conjunto. Vejamos, a seguir, estratégias com quantificadores negativos, que têm a função negar que certa propriedade está presente nos elementos de determinado conjunto.

- (43) A: O João foi pra festa?  
B: \NINGUÉM<sub>ES</sub> foi pra festa.

Para (43), pode-se pensar em um contexto parecido com anteriormente criado de que houve uma festa e os funcionários de certa empresa foram convidados. O Carlos quer saber se o João foi e pergunta pra Paulo o que está em B. A resposta acarreta que João não foi pra festa, já que ele faz parte do conjunto em questão. E mais ainda, traz a informação de que não foi apenas o João que não foi pra festa e sim de que em todo o conjunto de indivíduos saliente no contexto, não existe um sequer que tenha ido à festa. Imaginemos que Paulo era o organizador da festa e tinha muitas expectativas com relação a ela. No entanto, os convidados não foram e este fato causou uma frustração em Paulo. Com a resposta em B, Paulo quer demonstrar sua chateação e por isso acredita que é mais relevante responder à informação sobre todo o conjunto de funcionários, e não somente sobre o “João”. Responde completamente, então, a uma super-questão implícita do tipo “Quem foi pra festa?”. Assim, demonstra que esta propriedade negativa, de “não ter ido pra festa” não é exclusiva de “João”, mas de todos os funcionários convidados. A árvore do discurso de (44) parece ser similar à anteriormente proposta para resposta com o quantificador universal, exceto que o falante responde negativamente para cada indivíduo do conjunto.



O falante em (43) faz uso da estratégia de responder completamente à super-questão Q, conforme ilustrado em (44). Com isso, gera a implicatura conversacional de que é mais relevante dar informações sobre todos os indivíduos do que apenas sobre “João”. Responder à Q acarreta tanto a resposta de SQ<sub>1</sub>, explícita no discurso, quanto a resposta de suas questões irmãs, SQ<sub>2</sub>, SQ<sub>3</sub> e SQ<sub>4</sub>.

As estratégias até aqui apresentadas têm uma característica em comum com as sentenças que apresentam o que Büring (2003) chama de *tópico puramente implicacional*. Nestas, o falante lança ao contexto questões a mais que acredita ser relevantes para a conversação e as deixa sem resposta. Nos contextos apresentados nesta seção, o falante, além de lançar outras perguntas que não fazem parte do *common ground*, responde completamente a uma super-questão que domina a questão dada e, em consequência disso, responde automaticamente a todas as questões lançadas, ou seja, não deixa nenhuma das questões em aberto. Abaixo, é apresentado um contexto de tópico puramente implicacional.

- (45) A: A sua esposa foi pra festa?  
 B: A /MINHA<sub>CT</sub> esposa \NÃO<sub>F</sub> foi pra festa.

Em (45), o falante, ao responder com o acento de tópico sobre o constituinte “a minha esposa”, além de responder ao que foi solicitado, lança implicitamente no contexto questões sobre demais esposas. Tal falante indica que está respondendo parcialmente a uma super-questão como: “Quem foi pra festa?”. A diferença deste exemplo de Büring (1999) para as respostas sobreinformativas, portanto, é que enquanto em contextos como (45), o falante indica que está respondendo parcialmente a uma super-questão e deixa as demais sub-questões em aberto, nas respostas sobreinformativas, responde completamente à super-questão a qual a questão explícita está submetida. Com isso, o falante, ao mesmo tempo em que lança as perguntas, as responde, saturando qualquer tipo de pergunta relacionada àquele contexto.

Nesta seção foram discutidos contextos de perguntas polares com respostas sobreinformativas. Na seção a seguir, será observado o que ocorre com contextos formados por perguntas de constituinte.

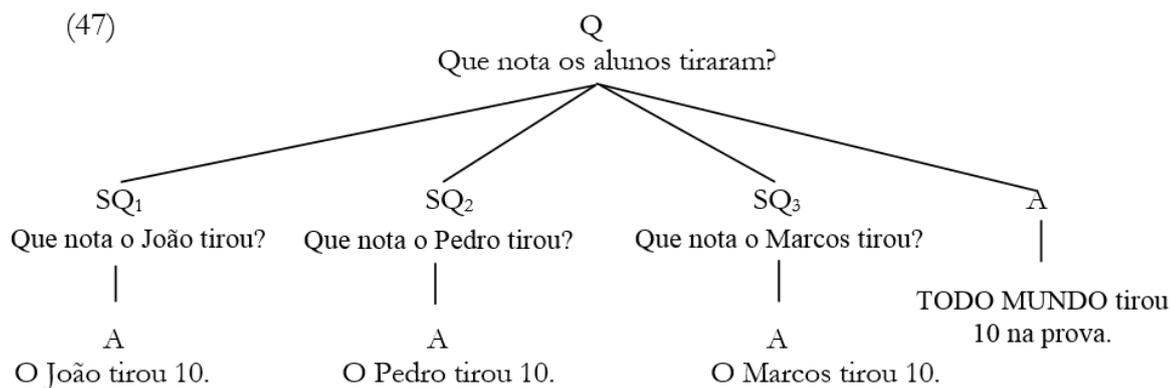
## 5.2 Com perguntas de constituinte

Os contextos que seguem são formados a partir de perguntas de constituinte, em que um elemento interrogativo (*quem, quanto, o que, qual*) é inserido na pergunta e geralmente é preenchido na resposta com um constituinte com função de foco.

- (46) A: Que nota o João tirou?  
 B: \TODO MUNDO<sub>FS</sub> tirou \10 NA PROVA<sub>F</sub>.

Em certa ocasião, os alunos fizeram uma prova na disciplina do professor Carlos. A professora Maria quer saber qual foi o desempenho de João na prova desta disciplina, já que ele não está indo bem na disciplina da professora Maria. Pergunta então o que está em A. Carlos, satisfeito com o desempenho de seus alunos na prova, responde que “TODO MUNDO tirou 10 NA PROVA”. Ou seja, o João e toda a classe tiraram nota 10. Enfatizando que a propriedade de “tirar 10 na prova” se aplica a todos os seus alunos, Carlos quer demonstrar sua alegria e satisfação com eles. Com tal resposta, o falante fez uso da estratégia de resposta sobreinformativa e modificou a questão sob discussão, pois julgou ser mais relevante responder completamente a uma super-questão de (46)A do tipo: “Que nota os alunos tiraram na prova?”.

Contextos de pergunta de constituinte com respostas sobreinformativas produzem resultados parecidos com os contextos anteriormente analisados, de perguntas polares. A resposta acarreta o que foi requerido e, além disso, traz informações a mais que são comuns a todos os membros de certo conjunto. Estas informações a mais são julgadas pelo falante relevantes para serem inseridas no contexto e por este motivo o falante resolve responder completamente a uma pergunta mais ampla. A árvore do discurso pode ser representada como segue:



A estrutura da *d-tree* em (47) é similar à vista na seção anterior. Assim como em contextos com perguntas polares, o falante, ao utilizar a estratégia de uma resposta sobreinformativa, por responder completamente à super-questão que domina a questão explicitada no discurso, responde completamente às sub-questões que estão sob o domínio dessa super-questão, como ilustra a árvore do discurso acima.

A prosódia da sentença em (46)B também é similar às demais até aqui estudadas. Ambas apresentam dois picos de acento prosódico com curva descendente. A diferença é que em contextos de perguntas polares, um dos acentos recai sobre o verbo, para respostas afirmativas, ou sobre a negação para as negativas, enquanto o outro recai sobre o constituinte sobreinformativo. Já na sentença acima, um dos acentos claramente identifica um constituinte de foco informacional, pois recai sobre o constituinte que carrega a informação nova no contexto, enquanto outro recai sobre o constituinte quantificado. Este não pode ser um acento de CT de Büring (1999, 2003), já que não apresenta uma curva ascendente. O acento que recai sobre o constituinte sobreinformativo leva-o a assumir uma posição de evidência no contexto. Este constituinte, que apresenta um conjunto do qual o tópico inserido na pergunta faz parte, parece, então, não receber a função de foco meramente informacional na sentença, mas de foco sobreinformativo. Tal acento identifica que o falante optou por utilizar a resposta sobreinformativa, fazendo uso de uma estratégia do discurso e gerando uma implicatura. Contextos como (46), então, apresentam dois constituintes que recebem acento de foco, sendo um F, de foco informacional e outro de FS, foco sobreinformativo. Estes, além de apresentarem acento de pico descendente, trazem novas informações ao contexto. O último, além destas características, também apresenta a função de indicar uma estratégia discursiva por parte do falante.

Assim como nos contextos anteriores, o falante respeita o princípio de cooperação de Grice, e apesar de em um primeiro momento parecer que este esteja violando a máxima de quantidade, ele está respeitando a máxima de relevância, pois acredita que seja mais relevante dar informações sobre todos os alunos do que apenas sobre “o João”.

Nesta seção foram observadas estratégias de respostas sobreinformativas com perguntas de constituinte, em que há um elemento interrogativo na pergunta que geralmente é substituído pelo foco da sentença. Na seção a seguir discutiremos contextos em que não haja uma pergunta explícita.

### 5.3 Com perguntas implícitas

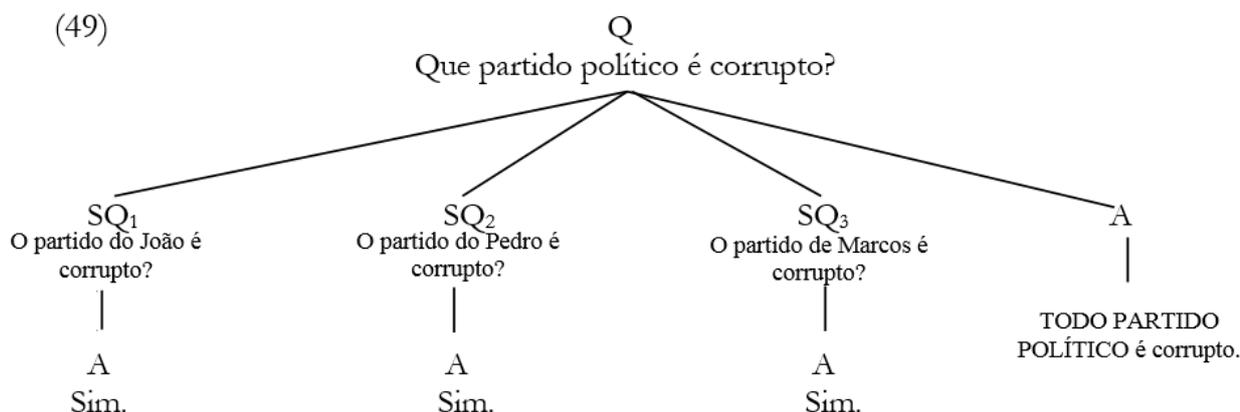
Há outras construções na língua, em que não há necessariamente uma pergunta explícita no contexto, mas que também levam o falante a utilizar expressões sobreinformativas. Essas expressões geralmente vêm contrastar ou complementar uma declaração dada anteriormente no contexto. Vejamos um exemplo, abaixo:

- (48) A: O partido do João é corrupto.  
 B: \TODO<sub>FS</sub> PARTIDO POLÍTICO é corrupto.

A construção acima possui as mesmas características identificadas nas anteriores, em que há uma pergunta explícita. A única diferença é que no contexto com uma pergunta explícita, o falante, ao dar uma resposta sobreinformativa, responde ao perguntado, além de responder sobre os demais elementos do conjunto. Fica

implícito algo do tipo “foi, mas não foi só ele”. No contexto acima, o falante B aceita a declaração dada por A e esta informação passa a fazer parte do *common ground*. Então, declara que “TODO PARTIDO POLÍTICO é corrupto”. É como se uma expressão como: “além do João” ficasse implícita antes da sentença B.

Em um contexto em que dois amigos estão conversando sobre política, o falante A declara que o partido de João é corrupto. O falante B, para deixar claro que esta propriedade de ser corrupto, segundo seu julgamento, é de todo partido político e não exclusivamente do partido de João, responde que “TODO PARTIDO POLÍTICO é corrupto”. O falante B responde completamente a uma questão implícita mais ampla. A resposta acarreta que o partido de João é corrupto, mas de certa forma ameniza a afirmação do falante. O determinante quantificado recebe o acento com curva descendente de foco sobreinformativo (FS) igual ao acento nas estratégias anteriormente observadas. A partir do constituinte de tópico “o partido de João”, todo o conjunto a que este elemento faz parte é focalizado na sentença. Vejamos a *d-tree* do contexto acima:



Na estrutura hierárquica da *d-tree* apresentada acima, como não há uma pergunta explícita, pressupomos que as questões sob discussão sejam dos tipos acima. Podemos, então, observar que a declaração do falante em (48)B representa uma resposta completa para uma questão como Q, o que acarreta respostas para as sub-questões de Q. Tal estratégia demonstra que o falante ao declarar B, quer deixar clara a não-exaustividade de ser corrupto em relação ao partido do João.

No contexto apresentado acima, com uma pergunta implícita, é possível afirmar que, da mesma maneira que ocorre nos demais contextos, há uma implicatura de que o falante julga ser mais relevante dar informações sobre todo o conjunto de partidos, do que apenas do partido em questão.

Nesta seção, vimos estratégias de respostas sobreinformativas em contextos de perguntas implícitas. Tais estratégias apresentam as mesmas características semântico-pragmáticas das anteriores, em que o falante, ao julgar outra questão relevante para o contexto, responde completamente a uma super-questão da questão em discussão. No entanto, a asserção dada faz parte do *common ground* e a resposta sobreinformativa apenas contrasta a não exaustividade da propriedade em relação ao elemento dado já aceito no *common ground*. Ainda, possuem uma implicatura de que o falante deseja amenizar a afirmação anterior, geralmente com carga negativa, numa espécie de contraste ou complementação desta. As sentenças possuem um pico de acento que recai sobre o determinante quantificado. Este, por ter curva descendente e identificar uma estratégia no discurso é identificado como de foco sobreinformativo (FS). Tal marcação indica o uso de uma estratégia discursiva por parte do falante.

## 6 CONCLUSÕES

Neste artigo, apresentamos um tipo de foco muito recorrente na língua, a que denominamos de *foco sobreinformativo*. A partir dos contextos aqui analisados, podemos perceber que em sentenças com foco sobreinformativo, o determinante que introduz a super-informação apresenta um acento entonacional descendente. Propomos que tal acento, por indicar uma estratégia de discurso por parte do falante e trazer uma informação nova ao contexto, seja um acento de *foco sobreinformativo*. Com isso, diferentemente de Büring (2003), defendemos que a estrutura de marcações entonacionais de sentenças, além de apresentar

acento de foco (F), tópico contrastivo (CT), também pode apresentar uma marcação prosódica de foco sobreinformativo (FS).

Em todos os casos vistos aqui, a declaração sobreinformativa responde completamente a uma super-questão que domina a questão sob discussão. Portanto, tal resposta acarreta a resposta requerida e traz informações a mais, relacionadas a todo o conjunto no qual o elemento de tópico está inserido. O uso da estratégia sobreinformativa faz parte de um contexto em que o falante julga mais relevante dar informações sobre todos os elementos do que apenas ao requerido, já que tal informação não é exclusiva para tal elemento. Por este motivo muda a questão sob discussão no discurso, respondendo a uma super-questão da pergunta presente no contexto.

Podemos perceber que todas as sentenças respeitam as quatro máximas conversacionais de Grice (1975), sobretudo a de relevância. Para o falante que responde à questão com um constituinte sobreinformativo, o elemento inserido pelo tópico não é exaustivo em relação à propriedade que está em discussão. Há outros elementos, aliás, todos do conjunto do qual o elemento de tópico faz parte, que compartilham da mesma propriedade. Isto, conforme o julgamento do falante, é relevante para trazer ao contexto. As implicaturas geradas por essa estratégia vão variar conforme o contexto. Em contextos em que há uma propriedade positiva em discussão, o falante deseja enfatizar tal propriedade. Em contextos em que o que está em jogo é uma propriedade negativa, como nos casos da seção de perguntas implícitas ou mesmo das sentenças que objetivam este estudo, o falante faz uso da estratégia de sobreinformação como forma de amenizar a carga negativa que a propriedade em discussão tem. Com isso, deseja mostrar que esta não é exclusividade do indivíduo em pauta, mas de todo o conjunto a qual ele faz parte. Ou seja, falante contrasta a não exaustividade da propriedade em discussão em relação ao elemento dado.

## REFERÊNCIAS

- BÜRING, Daniel. Topic. In: BOSCH, P.; VAN DER SANDT, R. (Ed.). *Focus – linguistic, cognitive, and computation perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 142-165.
- \_\_\_\_\_. On D-trees, beans, and B-accents. *Linguistics and Philosophy*, M.I.T: Springer Netherlands vol. 26, n.5, 2003. p. 511-545
- CARLSON, Laurie. *Dialogue games: an approach to discourse analysis*. Reidel, Dordrecht, 1983.
- GRICE, H. Paul. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Ed.). *Syntax and semantics*, vol. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.
- GROENENDIJK, Jeroen; STOKHOF, Martin. 1984. 250p. *Studies on the semantics of questions and the pragmatics of answers*. Tese de Doutorado, University of Amsterdam, 1984.
- HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English: Part 2. *Journal of Linguistics*, vol. 3: Cambridge: Cambridge University Press, p. 199-244, 1967.
- HAMBLIN, Charles. Questions in Montague English. *Foundations of Language*, vol.10: Oxford: Reidel Publishing Company, p. 41-53, 1973.
- KISS, Katalin. Identificational focus versus information focus. *Language*, v. 74, n. 2: Linguistic Society of America, p. 245-273, 1998.
- PIERREHUMBERT, J.; HIRSCHBERG J. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: COHEN, P.; MORGAN, J.; POLLACK, M. (Ed.). *Intentions in Communication*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990. p. 271-311.
- ROBERTS, Craige. Information structure in discourse: Towards an integrated formal theory of pragmatics. *OSU Working Papers in Linguistics*, vol. 49: *Papers in Semantics*, p. 91-136, 1996.

ROOTH, Mats. *Association with focus*. 1985. 237p. PhD thesis, University of Massachusetts, Amherst, GLSA, Dept. of Linguistics, South College, UMASS, Amherst MA, 1985.

ROSA-SILVA, Fernanda. *Foco e relações de escopo: um estudo de caso no português brasileiro*. 2012. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

STALNAKER, Robert. Assertion. In: COLE, P. (Ed.) *Pragmatics – syntax & semantics*, vol. 9. New York: Academic Press, 1978. p. 315-332.

ZUBIZARRETA, Maria Luiza. *Prosody, focus, and word order*. Cambridge Massachusetts/ London, The MIT Press, 1998.

***Recebido em 26/11/2014. Aprovado em 13/02/15.***